

Toda edição de temática livre representa um desafio editorial singular. Diferentemente dos dossiês, nos quais os textos se organizam em torno de um eixo previamente definido, uma edição aberta exige do conselho editorial um exercício mais complexo: reconhecer, entre diferentes objetos de estudo, metodologias e perspectivas teóricas, os fios invisíveis que conectam pesquisas aparentemente distantes. É justamente nessa diversidade que reside a maior riqueza deste volume da *Revista Fios de Letras*.

As páginas que compõem esta edição demonstram que a Linguística e a Literatura continuam sendo campos profundamente vivos, atravessados por debates que extrapolam os limites tradicionais da linguagem para dialogar com questões de identidade, cultura, memória, território, educação, política, raça, gênero, decolonialidade e experiência humana. Cada artigo percorre um caminho próprio, mas todos compartilham uma mesma convicção: compreender a linguagem é compreender também as formas pelas quais as sociedades constroem seus modos de existir.

O percurso desta edição inicia-se com uma reflexão sobre a poesia indígena contemporânea, ao analisar a obra *Fios do tempo (quase haikais)*, de Graça Graúna. O estudo evidencia como a autora ressignifica uma tradição poética japonesa para construir uma escrita profundamente enraizada na ancestralidade, na oralidade e na cosmovisão dos povos originários, reafirmando a literatura como espaço de resistência e de permanência cultural.

Atravessando séculos de história literária, o volume prossegue demonstrando como os clássicos permanecem dialogando com as inquietações do presente. A releitura da obra de Eça de Queiroz revela que as críticas formuladas pelo escritor português ao final do século XIX continuam iluminando problemas característicos da hipercontemporaneidade, evidenciando que a literatura, quando verdadeiramente grande, nunca se limita ao tempo em que foi escrita.

A Amazônia também ocupa lugar de destaque nesta edição. A análise da obra *Canumã: a travessia*, de Ytanajé Cardoso, desloca o olhar para os processos de colonialidade linguística vivenciados pelos povos Munduruku, evidenciando como

língua, identidade e cultura constituem dimensões inseparáveis da existência coletiva. Nesse contexto, a literatura indígena emerge não apenas como manifestação estética, mas como instrumento de memória, denúncia e reexistência.

As discussões sobre representatividade ampliam-se com o estudo dedicado às obras de Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie. Ao aproximar Brasil e Nigéria, o artigo evidencia como diferentes experiências históricas convergem na construção de narrativas femininas negras comprometidas com a resistência às desigualdades de raça, gênero e classe, reafirmando o poder transformador da literatura contemporânea.

A edição também convida o leitor a percorrer territórios menos convencionais da crítica literária. A análise da poesia de Pierre Alferi estabelece um instigante diálogo entre literatura, filosofia e biologia ao investigar as possibilidades e os limites da linguagem humana diante da experiência da animalidade. Ao fazê-lo, amplia significativamente os horizontes da crítica poética contemporânea.

As questões educacionais ganham centralidade no estudo que investiga práticas antirracistas no ensino de línguas no sul da Bahia. Ao articular educação linguística, decolonialidade e justiça social, a pesquisa reafirma que ensinar línguas é também ensinar formas de convivência democrática, reconhecimento das diferenças e enfrentamento das desigualdades estruturais que atravessam o cotidiano escolar.

Na seção Varia, o estudo sobre a palatalização progressiva das consoantes /t/ e /d/ em Alagoas demonstra como a Sociolinguística continua oferecendo instrumentos fundamentais para compreender a dinâmica das variedades do português brasileiro. Ao relacionar fatores linguísticos e macrossociais, o trabalho evidencia que as mudanças linguísticas não ocorrem isoladamente, mas refletem processos históricos, culturais e identitários que constituem as comunidades de fala.

Embora reunidos sob a denominação de Temática Livre, os trabalhos publicados neste volume revelam uma notável convergência intelectual. Em diferentes escalas, todos interrogam os modos pelos quais a linguagem produz pertencimentos, preserva memórias, organiza identidades, enfrenta colonialidades, questiona hegemonias e amplia as possibilidades de leitura do mundo.

Talvez seja justamente essa a maior contribuição desta edição. Em vez de oferecer respostas definitivas, os artigos demonstram que a pesquisa em Letras continua sendo um espaço privilegiado para a formulação de perguntas socialmente relevantes. A linguagem aparece aqui não apenas como objeto científico, mas como território de disputa simbólica, criação estética, elaboração da experiência humana e transformação social.

É nesse compromisso com a pluralidade que a *Revista Fios de Letras* reafirma sua vocação editorial. Ao acolher pesquisas provenientes de diferentes instituições, regiões do país e perspectivas teóricas, a revista fortalece sua missão de promover um diálogo

acadêmico aberto, rigoroso e intelectualmente diverso, contribuindo para consolidar a Linguística e a Literatura como campos capazes de responder, criticamente, aos desafios do nosso tempo.

Desejamos que esta edição não seja apenas lida, mas dialogada; que seus artigos provoquem novas investigações, inspirem novos pesquisadores e reafirmem aquilo que sempre constituiu a essência das Letras: a permanente capacidade da linguagem de reinventar os modos de compreender o mundo.

Que esta leitura seja, acima de tudo, o início de novas perguntas!

Prof. Renato Régis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas